



TEOLOGIAS DO DOMÍNIO: REVISITANDO FONTES E AUTORIAS¹

DOMINION THEOLOGIES: REVISITING SOURCES AND AUTHORS

Tiago de Melo Novais²
Breno Martins Campos³

Resumo:

O objetivo deste artigo é descrever e analisar os principais autores e vertentes das teologias do domínio. Iniciando pela nomenclatura adotada, verificamos que o dominionismo pode ser compreendido por meio de duas vertentes, que, apesar das divergências, possuem o mesmo local de origem (os EUA) e o mesmo pressuposto: alcançar o domínio social e político para o estabelecimento de uma civilização cristã. A primeira vertente é chamada de Teologia dos 7 Montes (7M), que se refere à tendência pentecostal do dominionismo e tem como característica uma hermenêutica bíblica baseada em visões espirituais, profecias e batalhas espirituais contra os poderes que estão no governo das esferas sociais, as quais devem ser dominadas por cristãos como parte indispensável do cumprimento da Grande Comissão. A segunda é chamada de Teonomismo Reconstrucionista (TR), tendência reformada do dominionismo, cujo nome indica duas ênfases centrais: o teonomismo, ou seja, a crença de que a lei do Antigo Testamento deve ser replicada atualmente como lei corrente; e o reconstrucionismo, que postula um processo de reconstrução escatológica mediante o trabalho das famílias cristãs, que gradualmente passam a exercer domínio sobre a sociedade em todas as instâncias. Em suma, as teologias do domínio pressupõem que a tarefa cristã está ligada à retomada da sociedade nos moldes de sua própria compreensão da fé cristã, embora diverjam em relação ao que constitui o objeto a ser dominado (as esferas sociais em sua quantidade e qualidade) e o modo como o domínio deve ocorrer.

Palavras-chave: Teologias do domínio. 7 montes. Teonomismo reconstrucionista. Teologia pública. Teologia política.

Abstract:

This paper aims to describe and analyze the main authors and strands of the dominion theologies. Starting with the adopted terminology, we verified that dominionism can be understood through two different strands, which despite their differences have the same place of origin (USA) and the same basic assumption: the purpose of achieving social and political domination for the establishment of a Christian civilization. The first strand is called the theology of the 7 Mountains (7M), which refers to the Pentecostal trend of dominionism and has as its characteristic a biblical hermeneutics based on spiritual visions, prophecies, and spiritual battles against the powers that rule the social spheres, which must be influenced and dominated by Christians as an indispensable part of Christian action in fulfilling the Great Commission. The second strand is called

¹ Enviado em: 11.03.2021. Aceito em: 20.12.2022.

² E-mail: tiago-melo@hotmail.com.br.

³ E-mail: brenomartinscampos@gmail.com.

Reconstructionist Theonomism (RT), which is the Reformed trend of dominionism, whose name indicates its two central emphases: theonomism or the belief that the law of the Old Testament should be replicated in the present day as current law; and reconstructionism, which postulates a process of eschatological reconstruction that occurs through the work of Christian families that gradually come to exercise dominion over society in all its instances. In short, the dominion theologies presuppose that the Christian task in the world is linked to the retaking of society like their own understanding of the Christian faith, although they differ regarding to what constitutes the object to be dominated (the social spheres in their quantity and quality) and how the dominion should take place.

Keywords: Dominion theologies. 7 mountains. Reconstructionist Theonomism. Public theology. Political theology.

Introdução

Por teologias do domínio, tanto no pentecostalismo como no universo reformado, estamos nos referindo a certas teologias alinhadas a um tipo de domínio social e político guiado por pressuposições e imperativos teológicos. Mais especificamente, teologias que, no campo cristão tradicional ou pentecostal, compreendem que sua tarefa no mundo tem como objetivo conquistar espaços sociais – como expressão do reino de Deus e, por vezes, do estabelecimento da lei de Deus como lei política.

Ao tratarmos de teologias do domínio (no plural), por óbvio, estamos a incluir mais de uma vertente em nossa análise. Segundo o escopo deste artigo, destacamos a semelhança de duas formas de teologias do domínio, sobretudo com relação a seus imperativos teológicos, que são o dominionismo da teologia dos “Sete Montes” (7M) e do “Teonomismo Reconstrucionista” (TR).⁴ A associação entre elas é feita, por exemplo, por Frederick Clarkson, ao afirmar que tanto a vertente pentecostal (7M) quanto a reformada (TR) são expressões diferentes do mesmo dominionismo originário dos EUA, que é “a ideia teocrática de que, independentemente do campo teológico, meio ou época, Deus tem chamado os cristãos conservadores a exercer o domínio sobre a sociedade, ao assumir o controle das instituições políticas e culturais”.⁵ De modo didático, Clarkson nos oferece os pontos que considera decisivos para a compreensão do dominionismo no contexto dos EUA (seu berço de origem):

1. Os dominionistas celebram o nacionalismo cristão, na medida em que acreditam que os EUA foram, e deveriam ser novamente, uma nação cristã. Desta forma, eles negam as raízes iluministas da democracia americana.
2. Os dominionistas promovem a supremacia religiosa, na medida em que geralmente não respeitam a igualdade de outras religiões, nem mesmo outras versões do cristianismo.

⁴ Uma explicação quanto à linguagem que utilizamos: porque pressupomos sempre a palavra teologia, explícita ou implicitamente, à frente da expressão “dos Sete Montes ou das Sete Montanhas” (no caso pentecostal), então, a abreviatura “7M” aparece antecedida, quando for o caso, pelo artigo definido singular feminino (“a”).

⁵ CLARKSON, Frederick. Dominionism Rising: A Theocratic Movement Hiding in Plain Sight. *Political Research Associates*, 18 August 2016. Observação: esta e todas as outras traduções de citações originais em língua estrangeira são dos autores deste artigo.

3. Os dominionistas endossam visões teocráticas, na medida em que acreditam que os Dez Mandamentos, ou “lei bíblica”, devem ser o fundamento da lei americana, e que a Constituição dos EUA deve ser vista como um veículo para implementar os princípios bíblicos.⁶

A 7M e o TR, portanto, possuem características comuns, que permitem designá-los pelo conceito dominionismo. A expressão que utilizamos (teologias do domínio), plural na teologia e singular no domínio, parece facilitar ainda mais o entendimento de ambas, pois estamos indicando duas vertentes teológicas diferentes, mas que têm confluências quanto à ideia do domínio social e político. Ainda assim, para comprovar a validade da nomenclatura adotada (do ponto de vista conceitual) e da comparação entre as duas perspectivas adotadas como objeto de investigação, devemos compreender cada uma separadamente. Por conseguinte, podemos, ao mesmo tempo, preservar as especificidades de cada modelo e confirmar a confluência ou paralelismo entre ambas acerca do dominionismo.

7M: a teologia pentecostal do domínio

Mais recente que o TR, a 7M nasceu no meio pentecostal⁷ da assim chamada *Nova Reforma Apostólica* e é fruto do movimento *Latter Rain*, nos anos 1940, de ascensão de denominações pentecostais nos EUA após a Segunda Guerra Mundial. De acordo com Fernando Guillen em sua genealogia da 7M,⁸ a partir da década de 50 do século passado, houve o início de uma espécie de restauração ministerial, pela retomada dos cinco ministérios cristãos narrados por Paulo (Ef 4.11) para edificação de todo o povo: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. Guillen indica que, em cada década posterior à primeira, um ministério foi restaurado espiritualmente, de forma que, dos anos 1950 até os 1990, as restaurações culminaram na Renovação Apostólica.⁹ Destaca, ainda, líderes evangélicos que foram especialmente importantes para a 7M:

Na década de 90, houve a restauração do ministério Apostólico, o qual trouxe ordem à Igreja, e também à paternidade espiritual. Muitas redes apostólicas foram constituídas desde então, tendo como precursores o Dr. Peter Wagner, Dr. Bill Hamon, Norman Parish, John Eckhardt, Rony Chaves, Harold Caballeros, entre outros. Desde então começou uma nova Reforma na Igreja, a Reforma Apostólica, que visa trazer funcionalidade aos cinco ofícios ministeriais, e ativar o propósito de cada pessoa dentro do ministério múltiplo.¹⁰

Podemos dizer que os proponentes da 7M foram influenciados por vários líderes evangélicos, com destaque para o teólogo Peter Wagner, professor no *Fuller Theological Seminary*, importante ator na retomada do movimento *Latter Rain* e da Renovação Apostólica, além de organizador de uma rede de apóstolos que faziam parte de seu movimento de domínio.¹¹ Johnny Enlow foi quem escreveu o livro de sistematização e nomeação da 7M, intitulado *A profecia das Sete*

⁶ CLARKSON, 2016.

⁷ Embora a nomenclatura utilizada para se referir à 7M, na maioria das vezes, seja neopentecostal, estamos ampliando a discussão ao adotarmos o termo pentecostal, pois nosso artigo não se dedica ao estudo das ondas do movimento pentecostal no mundo ou em nosso país.

⁸ GUILLEN, Fernando. *7 Montes*. [s.l.]: Fernando Guillen, 2009.

⁹ As restaurações ocorreram nos seguintes períodos e de acordo com um padrão: década de 50 (ministério evangelístico), década de 60 (ministério pastoral), década de 70 (ministério de mestre), década de 80 (ministério profético) e década de 90 (ministério apostólico) (GUILLEN, 2009).

¹⁰ GUILLEN, 2009, p. 19.

¹¹ CLARKSON, 2016.

Montanhas,¹² e Guillen, no Brasil, com o livro *7 Montes*, contribuiu para difundir a história e os propósitos centrais da 7M. Na verdade, Guillen foi inspirado pelo contato com a teologia de Enlow, o proponente da esquematização da visão referente às sete montanhas (ou áreas sociais), bem como das “estruturas espirituais governantes” quanto a cada esfera social.¹³ Consideramos, em consequência, que a visão de Enlow tem penetração e aceitação em setores amplos do universo evangélico no Brasil. Além do que já expusemos, Peter Wagner escreveu um endosso ao livro de Enlow – que não pode passar despercebido:

Atualmente o Espírito está trazendo uma palavra crucial relacionada com o desejo de Deus para a igreja, é para seu povo tomar domínio sobre cada área de nossa sociedade. O melhor modelo de planejamento estratégico é conhecido como as sete montanhas ou as sete naturezas da cultura. Até os dias de hoje ninguém além de Johnny Enlow trouxe a revelação ao corpo de Cristo dos desafios naturais e espirituais de realizar os planos de Deus em cada uma destas montanhas.¹⁴

No que diz respeito ao conteúdo da 7M, podemos observar (de modo claro no endosso de Wagner ao livro de Enlow) que se trata da compreensão de que a vontade de Deus é que os cristãos dominem as múltiplas áreas da sociedade. Com possíveis ligeiras modificações terminológicas a depender de autor ou obra, as esferas são as seguintes: família, religião, educação, governo, mídia, arte e economia. De fato, a principal noção desse modelo de teologia é compreender (mapear) as esferas e, então, dominá-las. Outros temas dão suporte à perspectiva da 7M, como as mensagens proféticas, o retorno do apostolado, batalha, cobertura, mapeamento e paternidade espiritual, e também o foco no imperativo missionário da Grande Comissão, presente nos evangelhos de Mateus (28.16-20) e de Marcos (16.15-18) – como condições e meios de dominar as esferas sociais, para além da mera evangelização.

Em síntese, podemos afirmar que a raiz teológica localizada no pentecostalismo oferece recursos conceituais à 7M para que seus proponentes possam recorrer sempre à questão espiritual como base de suas afirmações. Guillen, por exemplo, afirma que, além dos autores que ele já utilizava como fundamentação teórico-teológica e ética, sentiu que Deus gostaria de “adicionar mais uma peça a esse quebra-cabeça divino para a Sua Igreja através da minha vida”¹⁵ – a linguagem é pessoal, como se percebe. Em adição, narra a própria experiência: “Isso foi confirmado na virada do ano 2008-2009, quando o Senhor me deu uma palavra profética sobre o ano 2009, na qual Ele me mostrou algumas das mudanças que acontecerão nos sete montes”.¹⁶

Algo semelhante ocorreu com Enlow, segundo o relato de sua mulher, Elizabeth Enlow, no prefácio do livro que estamos a utilizar aqui, marcado por expressões como “revelação”, “além da compreensão”, “profecia”, dentre outras – todas relacionadas ao marido.¹⁷ Com efeito, o fundamento ou base do livro de Enlow depende mesmo do conceito de revelação – que na 7M significa um desvelamento de informações de ordem espiritual dadas por Deus a alguém de forma profética. Isto é, de acordo com a relação espiritual com Deus, o sujeito (especial, escolhido) recebe informações ou interpretações bíblicas que mudam o curso de determinado período, espaço ou

¹² ENLOW, Johnny. *A profecia das Sete Montanhas*. São José dos Campos: Shofar, 2008.

¹³ GUILLEN, 2009, p. 20.

¹⁴ ENLOW, 2008.

¹⁵ GUILLEN, 2009, p. 21.

¹⁶ GUILLEN, 2009, p. 21.

¹⁷ ENLOW, 2008, p. 1-5.

grupo social. Logo nas primeiras linhas do livro de Enlow, encontramos uma interpretação própria do autor acerca do texto bíblico de Apocalipse (5.1-12), com destaque para o versículo 12:

“Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, honra, glória, e louvor.”

Estes sete atributos de majestade que ele era digno de receber, cada um deles coincidem com os sete pilares culturais, da sociedade de cada nação. Quando falamos em discipular as nações, nos referimos a estes sete pilares da sociedade ao qual o Cordeiro é digno de receber! Após pesquisar o significado no grego original destas palavras, tornou-se evidente a mim que, o poder fala ao Governo, as riquezas falam à Economia, a sabedoria fala à Educação, a força fala à Família, a honra fala à Religião, e a glória fala à Celebração, e a bênção fala à Mídia. O Cordeiro foi imolado, perfazendo o último sacrifício, nos capacitando a discipular, instruir as nações nestes sete fundamentos da cultura, para que os entregássemos um a um a Ele.¹⁸

Deste modo, as sete esferas sociais – por vezes, chamadas também de pilares, montes ou esferas de influência – são incorporadas à interpretação bíblica, a fim de dar um destino escatológico para o domínio de tais âmbitos sociais e políticos. O texto bíblico da Grande Comissão é utilizado para denominar a tarefa cristã de dominar as nações de forma que o destino escatológico seja cumprido.¹⁹ Portanto, quem realiza o trabalho estratégico de domínio das esferas são os cristãos. De forma mais explícita, Enlow afirma:

Compartilhei que as montanhas eram as colunas estruturais da nossa sociedade – e que era plano do Senhor levantar Seu povo para tomar posse das estruturas das nossas nações, ou seja, o social, os negócios e a política. A história nos mostra que nenhuma nação é avivada por si mesma, já expliquei que o evangelho da salvação nunca foi abrangente o suficiente para ver nações inteiras sendo ganhas para o Senhor. Precisamos mudar a maneira de pensar, para que o Senhor nos leve a posições de influência onde poderemos ser a luz para a nossa nação.²⁰

Além disso, um elemento considerado fundamental para 7M é a batalha espiritual: para ocorrer o domínio das esferas, é preciso lutar contra potestades malignas específicas que operam em cada uma das esferas. Nessa lógica, os espíritos malignos são derrotados exclusivamente pelos esforços da batalha espiritual.

Reconhecer este fenômeno de graça divina [do domínio social ao redor do mundo], iniciado por Deus, à sociedade, precisa ser seguido da compreensão de que precisamos usar a armadura de Deus, para poder dominar os inimigos demoníacos que operam nestas sete montanhas de influência. Cada montanha está sob a atribuição demoníaca referente àquela esfera particular. A influência de Deus só será possível mediante o nosso operar no espírito oposto àquele que opera no mundo.²¹

Tanto no livro de Enlow como no de Guillen, encontramos interpretações bíblicas alegóricas para cada uma das esferas e suas respectivas potestades malignas. Para Enlow, por exemplo, o espírito de Jezabel é a potestade da esfera da Celebração, o de Mamon está sobre o monte da Economia – e assim por diante, caso a caso.²² Contudo, o que nos interessa é o imperativo geral

¹⁸ ENLOW, 2008, p. 11-12.

¹⁹ GUILLEN, 2009.

²⁰ ENLOW, 2008, p. 58.

²¹ ENLOW, 2008, p. 14.

²² ENLOW, 2008.

utilizado pelos autores da 7M, a fim de expressar sua compreensão teológica, que reivindica como a verdadeira forma de engajamento cristão o domínio de todos os âmbitos sociais, em posições estratégicas, como forma de realizar o plano escatológico divino.²³ Como resumo dos imperativos, registramos duas citações – de Enlow e Guillen, respectivamente:

Para nos tornarmos “cabeça ao invés de cauda” (Deuteronômio 28:13), precisamos conquistar as principais áreas de influência de nossa sociedade, muitas vezes nossa pobre visão espiritual escatológica é o que nos manteve “como cauda” e fora da nossa Terra Prometida.²⁴

Estamos perante uma reforma apostólica e profética que está transformando a nossa cosmovisão. Isso implica que teremos que ter um compromisso o qual nos levará a desenvolver uma visão plena e integral do que é o Reino e do que ele significa. A igreja terá que assumir o seu papel de governo e começar a legislar através dos princípios do Reino Celestial.²⁵

Devemos considerar, ademais, que a 7M tem grande capacidade de disseminação entre igrejas evangélicas e líderes religiosos, uma vez que possui linguagem familiar e acessível a vários ramos evangélicos, simplesmente por fornecer “uma visão popularizada da sociedade reconstruída, que não requer um grau avançado em teologia para compreender”.²⁶ Portanto, os imperativos que mencionamos são também uma ferramenta para sua difusão.

Enfim, lembramos que, no caso da 7M, não se trata de uma teologia estrangeira sem penetração nacional – talvez possamos falar até de certa brasilidade do movimento, que é própria da adaptação do pentecostalismo à cultura nacional.²⁷ De fato, tanto líderes evangélicos quanto conceitos (teológicos e éticos) da 7M são vastamente conhecidos e difundidos em solo brasileiro. Por exemplo, as noções de batalha espiritual (sobre o lugar do diabo no neopentecostalismo) e suas implicações sociais foram discutidas e dissecadas sociologicamente por Ricardo Mariano,²⁸ dentre outros autores de fora do campo religioso.

Quanto ao mesmo tema, cabe o registro de líderes internacionais da 7M convidados por igrejas nacionais para profetizarem sobre o Brasil e convocarem os evangélicos a ação.²⁹ Portanto, podemos afirmar que a 7M é cada vez mais um ponto importante de atenção para a realização de análises sociais e políticas no Brasil devido à capacidade de disseminação de sua ideologia em meios evangélicos pentecostais.

TR: a teologia reformada do domínio

²³ Tanto na vertente pentecostal quanto reformada, as teologias do domínio possuem uma visão escatológica pós-milenista (ou pós-milenarista, como preferem alguns autores), que consiste na crença de que a Igreja (os cristãos) realiza a tarefa escatológica de instauração do reino de Deus na Terra, de forma que Jesus Cristo possa retornar em seguida, em tempo oportuno.

²⁴ ENLOW, 2008, p. 15.

²⁵ GUILLEN, 2009, p. 203.

²⁶ CLARKSON, 2016.

²⁷ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Vocação ao fundamentalismo: introdução ao espírito do protestantismo de missão no Brasil*. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 133-144.

²⁸ MARIANO, Ricardo. *Guerra espiritual: o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais*. *Debates do NER*, v. 4, n. 4, p. 21-34, jul. 2003.

²⁹ ALEXANDRE, Ricardo. *E a verdade os libertará: reflexões sobre religião, política e bolsonarismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

A vertente reformada (calvinista) das teologias do domínio é chamada de Teonomismo Reconstrucionista (TR) – às vezes, somente de Reconstrucionismo. Diferentemente da 7M, o TR se reveste de ancestralidade teológica mais complexa, possuindo raízes na teologia calvinista. Além disso, os atores do TR, de modo hegemônico, alinham-se à posição de uma reforma da educação,³⁰ à escatológica pós-milenista, à apologética pressuposicionalista e à posição conservadora na política – especialmente no contexto político dos EUA (onde o TR emergiu), mas não somente lá.

Quanto à nomenclatura que agrega (ou alterna) Teonomismo e Reconstrucionismo, trata-se de dois conceitos que podem esclarecer o conteúdo explorado em análise comparativa, daí que seja necessário explicar os dois termos separadamente. De acordo com a distinção feita por Robert C. Sproul Jr., Teonomismo se refere à ideia de que a lei dada por Deus ao Israel bíblico é ainda válida como norma jurídica para todas as nações; Reconstrucionismo, por sua vez, abrange o Teonomismo e o adiciona à proposta de uma “escatologia otimista”.³¹ Quer dizer, a lei de Deus como lei corrente para as sociedades contemporâneas e a busca da realização escatológica pela ação cristã (posição pós-milenista) são as principais noções do que denominamos TR.

O precursor e principal articulador do TR pode ser considerado o teólogo Rousas John Rushdoony; de fato, sua história de vida e a do TR estão entrelaçadas, de tal modo que não é possível descrever o TR à parte da obra de Rushdoony, cuja continuação foi dada por reconstrucionistas como Gary North, Greg L. Bahnsen, John W. Whitehead, dentre outros. Aqui, valemo-nos de Rushdoony como interlocutor privilegiado no debate acerca do TR – que “ele acreditava ser um ‘fundamento’ para uma futura sociedade de base bíblica”.³² Contudo, como afirma McVicar, Rushdoony permaneceu pouco conhecido até que suas ideias fossem apropriadas por pessoas de fora do círculo teológico, isto é, principalmente as dos círculos educacional (*Homeschooling*) e político.³³ Porém, atualmente, suas ideias são amplamente conhecidas nos EUA, principalmente porque foram utilizadas por conservadores da direita estadunidense, por evangélicos com aspiração dominionista – e também por críticos de sua teologia.

As influências de Rushdoony também são dignas de nota. Segundo McVicar, após um período de trabalho missionário de juventude com nativos americanos, Rushdoony foi estudar na *Universidade Berkeley*, na qual teve contato com a Teologia Política por influência de seu professor Ernst Hartwig Kantorowicz. Com base nas aulas de Kantorowicz acerca das relações entre revelação divina e lei, Rushdoony se convenceu de que o “político e o jurídico são sempre essencialmente religiosos”.³⁴ Soma-se a isso o contato de Rushdoony com as obras do professor do *Westminster Theological Seminary*, Cornelius Van Til, conhecido pela Apologética Pressuposicionalista, segundo a qual todo empreendimento intelectual é marcado por pressuposições de ordem absoluta.

³⁰ *Homeschooling*, por exemplo, é um exemplo das propostas do que aspiram a uma reforma educacional. Grosso modo, tendo em vista que o TR pressupõe que toda estrutura social não cristã deve ser evitada ou reconstruída por cristãos, a escola tradicional, sobretudo sob a tutela do Estado, é um problema para os reconstrucionistas [MCVICAR, Michael J. *Christian Reconstruction: R. J. Rushdoony and American Religious Conservatism*. Chapel Hill, North Carolina: The University of North Carolina Press, 2015].

³¹ SPROUL JR., Robert C. Que é Reconstrucionismo? E Teonomia? *Monergismo*, 16 mai. 2010.

³² CLARKSON, 2016.

³³ MCVICAR, 2015.

³⁴ MCVICAR, 2015, p. 19.

Dessa forma, a defesa da fé ocorre por meio de argumentos que vão na direção dos pressupostos de certa pessoa ou grupo, a fim de centralizar novamente a epistemologia em Deus – a origem de todo conhecimento verdadeiro. “A apologética pressuposicionalista demonstra que outro sistema filosófico não tem fundamento real e, portanto, ou é essencialmente sem sentido ou realmente parte das premissas cristãs”.³⁵ A influência de Kantorowicz e Van Til foi fundamental para o desenvolvimento do TR de Rushdoony, além disso, a influência da teologia puritana foi também importante para sua forma de pensar a escatologia pós-milenista, pois em sua visão os puritanos da primeira geração possuíam uma perspectiva pós-milenista (e que, só mais tarde, teria sido abandonada).³⁶

Para verificarmos o conteúdo teológico do TR de modo mais detalhado, podemos seguir os itens do “Credo da Reconstrução Cristã”, de Andrew Sandlin, com o objetivo de introduzir as principais ideias da “Reconstrução Cristã”.³⁷ Para Sandlin, a primeira proposição do credo é que “um cristão reconstrucionista é calvinista”.³⁸ Na condição de pastor e teólogo reformado, Rushdoony carregava influências de autores calvinistas em suas obras, nas quais encontramos citações de credos e doutrinas calvinistas com certa abundância, por essa razão, uma das ênfases do autor é justamente a soberania de Deus. Rushdoony utiliza vastamente a doutrina da soberania de Deus como contrapondo ao humanismo de seu tempo, utilizando-a como subsídio para suas propostas de domínio cristão.³⁹ Por exemplo, Rushdoony considerava tão fundamental o reconhecimento da soberania de Deus, que chegou a criticar a ocasião em que o Papa Paulo VI discursou na ONU sobre a paz mundial e não afirmou, verbalmente, a supremacia de Cristo sobre todos os “domínios e instituições”.⁴⁰

Além da soberania de Deus, outro rastro do calvinismo na teologia de Rushdoony é a doutrina da predestinação, conhecida como distintiva do calvinismo, que também está fortemente incorporada nas obras do autor reconstrucionista, porém, de forma mais alinhada com suas próprias ideias. Segundo a observação de Rushdoony, a predestinação não é sinônimo de fatalismo e, por isso, não pode se sobrepor ao trabalho humano na história.⁴¹ Nesse sentido, ele critica cristãos de posição amilenista, uma vez “que negam qualquer vitória na história e assim negam a própria forma e natureza da predestinação de Deus na história”.⁴² Com isso, o intuito de Rushdoony é, na verdade, criticar qualquer outra compreensão de predestinação que não inclua o domínio – elemento característico de sua visão pós-milenista. Ademais, Rushdoony utiliza a ideia de predestinação para criticar o que chamou de “religião política”,⁴³ com a acusação de uma ordem social fundamentada na política e não na lei de Deus – a representar que a predestinação humana substituíra a predestinação da parte de Deus.⁴⁴

³⁵ MCVICAR, 2015, p. 34.

³⁶ RUSHDOONY, Rousas John. *God's Plan for Victory: The Meaning of Postmillennialism*. Vallecito, California: Chalcedon Foundation, 1997.

³⁷ SANDLIN, P. Andrew. O credo da Reconstrução Cristã. *Monergismo*, 17 mar. 2009.

³⁸ SANDLIN, 2009.

³⁹ RUSHDOONY, Rousas John. *Sovereignty*. Vallecito, California: Chalcedon/Ross House Books, 2007.

⁴⁰ RUSHDOONY, Rousas John. *Fundamentos da ordem social: estudos sobre os credos e concílios da Igreja Primitiva*. Brasília: Monergismo, 2019.

⁴¹ RUSHDOONY, 1997.

⁴² RUSHDOONY, 1997, cap. 7.

⁴³ RUSHDOONY, 2019, cap. 22.

⁴⁴ Rushdoony (2019) postula que qualquer fundamento sobre a ordem da sociedade repousa sobre um credo (uma confissão); e denomina religião política qualquer teoria que considere a política como fonte da moralidade (em lugar de Deus).

A segunda proposição é que “um cristão reconstrucionista é um teonomista”.⁴⁵ O teonomismo é a afirmação de que a lei de Deus presente no Antigo Testamento, dado para o Israel antigo, deve ser aplicada também às legislações contemporâneas. Partindo do pressuposto de que a “lei é a palavra e a vontade de um soberano”,⁴⁶ Rushdoony entende que a lei de Deus representa a vontade divina para uma nova ordem social. Entretanto, na análise extremista de Rushdoony sobre a lei do Antigo Testamento, o teonomismo inclui até mesmo a pena de morte para crimes que ofendam à lei de Deus.⁴⁷ Encontramos nas palavras do próprio Rushdoony um resumo da ideia teonomista: “Porque Ele é o Rei aqui e agora e para sempre, Sua palavra-lei deve nos governar agora e sempre, e todas as coisas devem ser reordenadas e refeitas para se conformarem com Sua palavra real”.⁴⁸

A terceira proposição é que “um cristão reconstrucionista é um pressuposicionalista”.⁴⁹ Como já mencionamos, Rushdoony foi especialmente influenciado por Van Til na incorporação do método apologético como ponto de partida epistemológico. Assim, Van Til pôde oferecer um caminho de afirmação de uma epistemologia de confissão calvinista, proporcionando a Rushdoony a elaboração filosófica capaz de dar suporte a seu empreendimento como um todo. Isto é, além de um método de defesa da fé, a Apologética Pressuposicional também desenvolveu uma abordagem calvinista quanto à origem do conhecimento. Diferentemente da apologética que tem como característica a busca por evidências (apologética evidencialista), a abordagem vantilianiana recai sobre os pressupostos dos sistemas de pensamento. Ao se apropriar de um conceito de Abraham Kuyper, Van Til enfatiza a questão da *antítese espiritual* e a leva até suas últimas consequências, estabelecendo um limite claro entre as pressuposições que fornecem um conhecimento verdadeiro (baseado nas Escrituras) e as pressuposições falsas (baseadas na razão autônoma):

Ao adotar e desenvolver o conceito de *antítese*, advindo do calvinismo holandês, Van Til declarou guerra a qualquer sistema de pensamento que não aceitasse as prescrições de autoridade das Escrituras como base *a priori* para o conhecimento. No contexto da controvérsia fundamentalista/modernista do início do século XX, as ideias de Van Til tornaram-no um dos pensadores mais radicais do campo fundamentalista.⁵⁰

Além do conhecimento em si, Van Til acrescenta à abordagem epistemológica implicações sociais e políticas, pois na epistemologia, segundo ele, está a base pressuposicional para se reconhecer a soberania de Deus sobre todas as coisas.⁵¹ Assim, podemos afirmar que Van Til se tornou um tipo de mentor filosófico de Rushdoony e também dos reconstrucionistas posteriores no TR.

A quarta proposição é que “um cristão reconstrucionista é um pós-milenista”.⁵² De fato, a questão escatológica é indispensável para descrever o TR. A posição pós-milenista descrita e defendida por Rushdoony foi tratada em seus livros de maneira vasta, inclusive com correções ao

⁴⁵ SANDLIN, 2009.

⁴⁶ RUSHDOONY, 2007, p. 24.

⁴⁷ MCVICAR, 2015.

⁴⁸ RUSHDOONY, 2007, cap. 6.

⁴⁹ SANDLIN, 2009.

⁵⁰ MCVICAR, 2015, p. 39-40.

⁵¹ MCVICAR, 2015.

⁵² SANDLIN, 2009.

que seriam equívocos da visão pós-milenista comumente aceita. Rushdoony define sua posição escatológica da seguinte forma:

O coração do pós-milenismo é a fé que Cristo, por meio de seu povo, realizará e colocará em vigor as gloriosas profecias de Isaías e todas as Escrituras, de que ele vencerá todos os seus inimigos por meio de seu povo do pacto, e exercerá seu poder e Reino em todo o mundo e sobre todos os homens e nações, de modo que, seja por fé ou por derrota, todo joelho se dobrará a ele e toda língua confessará a Deus.⁵³

Nessa direção, Rushdoony critica as outras posições escatológicas com o argumento de que tanto amilenistas quanto pré-milenistas escapam do mundo, em vez de o compreender como local de preparação para a batalha: “Esforços pietistas, amilenares e pré-milenares levam invariavelmente a uma retirada do mundo em uma igreja do tipo convento, que é transformada em um lugar de refúgio do mundo em vez de um lugar de preparação para a batalha”.⁵⁴ Aliás, para Rushdoony, tais posições são não bíblicas e imorais, uma vez que não encorajam o cristão a “reassumir a tarefa abandonada por Adão, a saber, exercer o domínio e subjugar a terra submetida a Deus e Sua palavra-lei”.⁵⁵

A escatologia de Rushdoony pressupõe que o trabalho do povo do pacto é reconstruir as nações como forma de obedecer à lei de Deus e estabelecer seu reino escatológico. Para cada área da sociedade, portanto, o teólogo demonstra a necessidade de restauração: o *indivíduo* e a *família* devem ser o começo e o centro de todo esforço de reconstrução; a *igreja* e seus *ministérios*, por sua vez, são a família de Deus e merecem cuidado; uma *educação cristã* em todos os níveis é uma necessidade urgente, pois a despreocupação de pais cristãos em relação a uma educação sem Deus é uma marca da apostasia; a *política cristã*, por seu turno, deve ter como objetivo tornar o Estado novamente cristão e conduzir suas ações à conformidade com a lei de Deus; *organizações profissionais cristãs* devem ser criadas, pois também são urgentes; o *estudo de cada ofício humano* e as *ciências* devem ser feitos segundo perspectiva cristã, com vistas à reconstrução do reino de Deus.⁵⁶ As críticas ao escapismo de outras linhas escatológicas e as propostas de reconstrução de todas as áreas da vida antes do retorno escatológico de Cristo deixam clara a posição pós-milenista de Rushdoony. Com isso, podemos dizer que na visão dele a tarefa cristã no mundo deve ser o domínio e não a fuga.

A quinta proposição é propriamente acerca do domínio: “um cristão reconstrucionista é um dominionista”.⁵⁷ Contudo, para que não sejamos redundantes sobre este ponto fulcral, devemos verificar como Rushdoony propõe seu dominionismo. De acordo com McVicar, há um conceito que guia todo o pensamento social e político de Rushdoony, a saber, o de “homem do domínio”.⁵⁸ Isso significa que o teólogo calvinista estadunidense propõe que no centro dos esforços dominionistas estejam os indivíduos e suas respectivas famílias. Portanto, é necessário compreendermos que, para Rushdoony, o “governo de Deus no mundo começa com o ‘autogoverno’ dos cristãos”, já que “cada ser humano em Cristo deve ser uma lei ambulante e uma evidência da presença do Espírito Santo”.⁵⁹

⁵³ RUSHDOONY, 1997, cap. 7.

⁵⁴ RUSHDOONY, 1997, cap. 3.

⁵⁵ RUSHDOONY, 1997, cap. 3.

⁵⁶ RUSHDOONY, 1997, cap. 3.

⁵⁷ SANDLIN, 2009.

⁵⁸ MCVICAR, 2015, p. 132.

⁵⁹ RUSHDOONY, 2007, cap. 2.

Assim, o indivíduo cristão autogovernado pela lei de Deus opera a reconstrução do mundo. Não obstante, as famílias têm um papel essencial no domínio, pois, segundo Rushdoony, a família é a instituição básica da sociedade e a ela pertence o controle da “criança, da propriedade, da herança, da educação e do bem-estar”.⁶⁰

Considerações finais

A proposta do TR é que o domínio não ocorra por meio de projetos de tomada de poder, como no caso de revoluções, pelo contrário, o domínio deve ter como lugar simbólico os indivíduos autogovernados pela lei de Deus e suas famílias, numa postura *anti-establishment*,⁶¹ pois em um processo de expansão progressiva “eles eventualmente irão controlar todas as instituições da sociedade, e toda a Terra irá reconhecer a soberania de Cristo”.⁶² Por isso Rushdoony explica que a lei de Deus é o meio do domínio, rejeitando a centralidade do Estado e da Igreja:

A lei é dada ao homem como instrumento e meio de dominação. Além disso, o domínio não é dado ao Estado nem à igreja, mas ao homem e às famílias. Deus criou o homem para exercer o domínio. É o homem que é feito à imagem de Deus, não o Estado. [...] É um erro grave ver a teocracia, a regra de Deus, como um governo sobre os homens por um grupo de homens em nome de Deus. A doutrina bíblica da teocracia significa o autogoverno do homem cristão.⁶³

Portanto, para que não façamos nenhuma afirmação indevida acerca dos meios que o TR considera corretos para o domínio, devemos notar a seguinte afirmação:

Rushdoony e outros importantes Reconstrucionistas não acreditavam que a “Lei bíblica” pudesse ser imposta de cima para baixo por uma teocracia nacional. Eles pensavam que o reino bíblico surgiria da conversão gradual de pessoas que abraçariam o que eles consideram ser a palavra de Deus, e que isto poderia levar centenas, milhares ou mesmo dezenas de milhares de anos.⁶⁴

Outra forma de dizer a mesma coisa é replicar as seguintes palavras do próprio Rushdoony: “Como virá o Reino de Cristo? [...] A paz gloriosa e a prosperidade do reinado de Cristo só serão alcançadas quando as pessoas obedecerem à lei do pacto”.⁶⁵ Contudo, é indispensável registrar que o TR possui em seu horizonte teleológico um evidente objetivo de transformar o Ocidente em uma civilização cristã. Na lógica de Rushdoony, a lei de Deus deve ser o novo credo da ordem social: “Quando os fundamentos são lançados, a forma geral do edifício é determinada. Quando o credo é aceito, a ordem social é determinada. Não pode haver reconstrução da civilização cristã do Ocidente senão sobre fundamentos confessionais cristãos”.⁶⁶

⁶⁰ RUSHDOONY, 2007, cap. 2.

⁶¹ A rejeição de Rushdoony ao *establishment* fica evidente em todas as suas obras. Como exemplo, o teólogo critica o evangelista Billy Graham, dizendo que é impossível ser convidado de meios de comunicação sem Deus e afirmar o reinado de Jesus ao mesmo tempo, uma vez que afirmar o reino de Deus é sinônimo de “declarar guerra ao mundo e incorrer em ira e hostilidade” (RUSHDOONY, 1997, p. 41).

⁶² MCVICAR, 2015, p. 139.

⁶³ RUSHDOONY, 2007, cap. 5.

⁶⁴ CLARKSON, 2016.

⁶⁵ RUSHDOONY, 1997, cap. 7.

⁶⁶ RUSHDOONY, 2019, cap. 22.

Em suma, portanto, podemos dizer que o TR – a teologia do domínio na vertente reformada – consiste na noção de que “Deus tem um plano de conquista para todas as coisas por meio de seu povo do pacto. Este plano é sua lei. Ele não deixa nenhuma área de vida e atividade intocada e predestina a vitória”.⁶⁷ Por fim, de modo decisivo, afirmamos que, diferentemente da 7M (a teologia do domínio na vertente pentecostal), a visão do TR permanece pouco conhecida no Brasil e por isso ainda é difícil avaliar seu impacto nacional. Mesmo assim, McVicar assevera que, por menos plausível que essa visão pareça aos olhos de muitos, há um crescimento do TR nos últimos 50 anos, por exemplo, na mentalidade religiosa e política dos Estados Unidos.⁶⁸ É preciso que nos atentemos também ao caso brasileiro.

Referências

ALEXANDRE, Ricardo. *E a verdade os libertará: reflexões sobre religião, política e bolsonarismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

CLARKSON, Frederick. Dominionism Rising: A Theocratic Movement Hiding in Plain Sight. *Political Research Associates*, 18 August 2016. Disponível em: <https://www.politicalresearch.org/2016/08/18/dominionism-rising-a-theocratic-movement-hiding-in-plain-sight>. Acesso em: 23 set. 2021.

ENLOW, Johnny. *A profecia das Sete Montanhas*. São José dos Campos: Shofar, 2008.

GUILLEN, Fernando. *7 Montes*. [s.l.]: Fernando Guillen, 2009.

MARIANO, Ricardo. Guerra espiritual: o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais. *Debates do NER*, v. 4, n. 4, p. 21-34, jul. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/2718/29178>. Acesso em: 23 set. 2021.

MCVICAR, Michael J. *Christian Reconstruction: R. J. Rushdoony and American Religious Conservatism*. Chapel Hill, North Carolina: The University of North Carolina Press, 2015.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Vocação ao fundamentalismo: introdução ao espírito do protestantismo de missão no Brasil. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 133-144.

RUSHDOONY, Rousas John. *Fundamentos da ordem social: estudos sobre os credos e concílios da Igreja Primitiva*. Brasília: Monergismo, 2019.

RUSHDOONY, Rousas John. *God's Plan for Victory: The Meaning of Postmillennialism*. Vallecito, California: Chalcedon Foundation, 1997.

RUSHDOONY, Rousas John. *Sovereignty*. Vallecito, California: Chalcedon; Ross House Books, 2007.

SANDLIN, P. Andrew. O credo da Reconstrução Cristã. *Monergismo*, 17 mar. 2009. Disponível em: <http://monergismo.com/novo/teologia/o-credo-da-reconstrucao-crista/>. Acesso em: 23 set. 2021.

SPROUL JR., Robert C. Que é Reconstrucionismo? E Teonomia? *Monergismo*, 16 mai. 2010. Disponível em: <http://monergismo.com/novo/teologia/que-e-reconstrucionismo-e-teonomia/>. Acesso em: 23 set. 2021.

⁶⁷ RUSHDOONY, 1997, cap. 7.

⁶⁸ MCVICAR, 2015, p. 5.